



revista limiar

volume 8 | número 16 | 2. semestre 2021

samuel beckett:

literatura | teatro | filosofia

<https://periodicos.unifesp.br/index.php/limiar>

## Lacan e Beckett:

### determinação e indeterminação da cólera em *Molloy*

Ana Helena Souza\*

**Resumo:** Lacan trata da indignação e da cólera como afetos diretamente ligados ao rompimento da relação possível entre o simbólico e o real. Neste texto, busco mostrar até onde uma cena de *Molloy* representa com clareza a estrutura que subjaz à elaboração lacaniana desses afetos e a partir de onde a literatura de Samuel Beckett a faz falhar. Trata-se de abordar o que determina subjetivamente um afeto, como se apresenta na sua estrutura nesta ficção e como a própria ficção faz sobrevir a indeterminação.

**Palavras-chave:** indignação; cólera; afeto; simbólico. falha.

**Abstract:** Lacan defines indignation and wrath as affects fully connected with a breach in the possible relation between the symbolic and the real. In this article, I seek to show both how a scene of the novel *Molloy* clearly represents the structure underlying the Lacanian elaboration of these affects and the point from which Samuel Beckett's literature makes it fail. The aim is to approach what determines an affect subjectively, how it is presented in its structure in this fiction, and how the fiction itself brings about indeterminacy.

**Keywords:** indignation; wrath; affect; symbolic; failure.

---

\* Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. É tradutora e pesquisadora. E-mail para contato: [ahelenasouza@gmail.com](mailto:ahelenasouza@gmail.com)

Os afetos do ódio, da cólera e da indignação e a maneira como são pensados por Jacques Lacan me conduziram à possibilidade de abordar sua presença em *Molloy*<sup>1</sup>. Apesar de toda a desconstrução à qual o gênero romance é submetido nesse livro, a narrativa comporta a representação de afetos, e não apenas na segunda parte com o narrador Moran, que se mostra de início como personagem tipicamente burguês em seu ambiente familiar. Na primeira parte com Molloy, alguns afetos emergem inequivocamente. Decidi-me por uma cena do começo das andanças deste que é um dos mais famosos narradores-narrados de Beckett, em que se pode ler um caso exemplar de passagem da indignação à cólera, abordados segundo a elaboração que Lacan faz desses afetos. Ao assinalar o trecho como um exemplo, tenciono pôr em relevo algo da ordem do que Lacan faz em sua leitura de Hamlet, guardadas evidentemente as proporções deste trabalho. Trata-se de expor o que a ficção ressalta de estrutural aos afetos postos em cena.<sup>2</sup>

É preciso, portanto, levar em conta uma proposição radical de Lacan, num momento em que já havia uma mudança importante em seu ensino, momento em que a opção por um estruturalismo linguístico já se desvanecera. Segundo essa elaboração, deve-se considerar que a partir do discurso psicanalítico “não há senão um só afeto, ou seja, o produto da tomada do ser falante num discurso, na medida em que esse discurso o determina como objeto”.<sup>3</sup> É fornecido aqui o dado básico de estrutura, a partir do qual é possível teorizar sobre os demais afetos, ou seja, sobre como um pode se diferenciar do outro, tendo essa base comum.

O primeiro que aqui nos detém é o da indignação. Gerardo Arenas o resume precisamente, ao dizer que emerge toda vez que “nossa singularidade é questionada, desconhecida, rechaçada ou arrasada”.<sup>4</sup> Aproximando as duas citações, pode-se

1 Em setembro de 2019, o IX Encontro Latino-americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana (ENAPOL), realizado em São Paulo, teve como tema “Ódio, Cólera, Indignação: desafios para a psicanálise”. O encontro e seu tema me instigaram a desenvolver este texto.

2 LACAN, J. *O seminário. Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Tradução Claudia Berliner, versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016, p. 255-379.

3 LACAN, J. *O seminário. Livro 17: o avesso da psicanálise*. Tradução Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 160.

4 ARENAS, G. La ética de lo singular, in: *Lacan XXI*, Revista FAPOL Online. V. 5, Maio 2018. Disponível em [http://www.lacan21.com/sitio/wp-content/uploads/2018/05/2018\\_volumen5\\_ESP.pdf](http://www.lacan21.com/sitio/wp-content/uploads/2018/05/2018_volumen5_ESP.pdf)

entender o afeto único do qual se parte no discurso analítico e o afeto especificamente caracterizado como o de indignação. Uma vez que o que faz com que o sujeito se constitua em sua singularidade de ser falante é uma relação única que se estabeleceu quando ele se constituiu como sujeito quando de sua entrada na linguagem, a indignação surge no momento em que tal singularidade é questionada. O paradoxal é que o que há de mais singular em cada ser falante se constitui quando ele é determinado na linguagem como objeto.<sup>5</sup> E, contudo, no momento em que a singularidade do sujeito é diminuída, repelida ou ignorada, a indignação surge como o afeto que indica precisamente a reação à sua identificação como objeto no campo do Outro. Passemos à cena.

Molloy, no início do livro homônimo de Beckett, é levado à delegacia por estar sem documentos e não saber sequer seu nome. Durante o interrogatório, é finalmente capaz de dar essa informação e dizer que se dirigia à casa de sua mãe, embora incapaz de fornecer o endereço. Lembremos que Molloy faz parte de uma série de personagens mendigos, vagabundos, beirando a idiotia e, no entanto, geniais em suas observações sobre os humanos como seres afetados pela linguagem e sobre a própria linguagem como incapaz de nomear o que quer que seja do real.

A cena na qual nos deteremos mostra Molloy passando da indignação a um acesso de cólera. É importante assinalar que a indignação não leva necessariamente à cólera, o sujeito indignado pode dispor de outras saídas. De início, Molloy tenta se evadir da posição indigna em que se vê colocado, apelando para o laço social por meio da observação de um comportamento comum a uma categoria profissional, mas depois é presa de uma angústia que o faz agir e termina por transformar sua indignação em cólera. Questiono se este ato de Molloy poderia ser classificado como um ato de cólera ou se a constituição do personagem simplesmente o torna indiferente ao Outro, a ponto de não visar propriamente atingi-lo, mas ter como objetivo apenas livrar-se da emoção que o perturba. Indo adiante, a hipótese é de que Molloy não sofre a sua cólera, ela se esgota na ação, uma vez que não existe laço verdadeiro com o Outro. Vale lembrar a seguinte passagem de Lacan: “Agir é arrancar da angústia a

---

<sup>5</sup> Lacan teorizará no seu último ensino sobre a forma singular como a linguagem toca o corpo de cada um, por exemplo, nas lições de *O seminário. Livro 23: o sinthoma*. Tradução Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

própria certeza. Agir é efetuar uma transferência de angústia”.<sup>6</sup> Nesta narrativa, vê-se apenas um corte, sem sequência. Retomarei esse ponto adiante.

É importante perceber a precisão com que Beckett mostra a passagem da indignação à cólera. Da indignação como resposta articulada do sujeito ao rebaixamento de sua singularidade até o ato encolerizado no momento de máxima emoção em que sobrevém a cólera. Na definição lacaniana: “A cólera (...) é o que acontece nos sujeitos quando os pininhos não entram nos buraquinhos. Que quer dizer isso? É quando, no nível do Outro, do significante – ou seja, sempre, mais ou menos, no nível da fé, da boa fé –, não se joga o jogo”.<sup>7</sup>

O nível do Outro é o lugar da fala em que se instaura a ordem da verdade:

... essa ordem evocada, invocada a cada vez que o sujeito articula algo, cada vez que ele fala. Com efeito, a fala faz algo que se distingue de todas as formas imanentes de captura de um em relação ao outro, pois instaura um elemento terceiro, a saber, esse lugar do Outro no qual, mesmo mentirosa, ela se inscreve como verdade.<sup>8</sup>

Neste nível, não é possível haver transparência na comunicação nem nada que garanta sua eficácia. Lembremos que na teoria lacaniana o sujeito se constitui como tal ao entrar no campo do Outro, que é fundamentalmente o campo das trocas linguísticas, ao mesmo tempo em que se torna sujeito dividido pelo uso da linguagem. O Outro é o Outro da linguagem, lembrando ainda que para Lacan o que representa um sujeito para outro sujeito é sempre um significante.

Na cena do livro, Molloy vai do interrogatório para a sala de guarda. Está escuro, mas há movimento de policiais, malfeitores, funcionários. Alguém se aproxima dele:

Mas eis que de repente surgiu diante de mim uma mulher grande e gorda vestida de negro, ou melhor de malva. Ainda hoje me pergunto se não era a assistente social. Me estendeu uma tigela cheia de um suco cinzento que devia ser chá verde com sacarina e leite em pó, num pires desemparelhado.<sup>9</sup>

---

6 LACAN, J. *O seminário. Livro 10: a angústia*. Tradução Vera Ribeiro, versão final Angelina Harari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 88.

7 Idem, p. 23.

8 LACAN, J. *O seminário. Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Tradução Claudia Berliner, versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016, p. 317.

9 BECKETT, S. *Molloy*. Tradução Ana Helena Souza. São Paulo: ed. Globo, 2007, p. 44.

A aproximação da mulher é uma surpresa, a iniciativa do contato com o lanche provoca de imediato a angústia, logo transferida para os objetos: “Um momento depois eu mesmo já segurava, nas mãos trêmulas, este pequeno ajuntamento de objetos heterogêneos e oscilantes, (...), e *sem entender como a transferência se efetuará*”.<sup>10</sup>

Para Molloy, que com tanto esforço conseguira recuperar seu nome na cena anterior, aquele desencontro de coisas oferecidas a ele, mais que o rebaixarem à posição de ser indigno, destituíam-no de sua precária organização do mundo. É neste momento que ele tenta rearranjar o acontecimento, lançando mão da indignação num discurso articulado, passível de fornecer uma solução no campo da linguagem:

Vou lhes dizer uma coisa, quando as assistentes sociais oferecem algo para você não ter um passamento, de graça, o que para elas é uma obsessão, não adianta recusar, elas o perseguirão até os confins da terra, o vomitório nas mãos. Os do Exército da Salvação não são melhores. Não, contra o gesto caridoso não há defesa, que eu saiba.<sup>11</sup>

O discurso contra as assistentes sociais e sua obsessão por um bem-estar mínimo para os despossuídos não se sustenta diante da impossibilidade de se contrapor à desordem instalada pela presença desse Outro – agora com maiúscula. Existe, da parte desse Outro – a assistente social, inserida no seu discurso padrão, incluindo-se aí aparência e atitudes – um tipo de demanda específica, no momento em que estabelece com Molloy uma comunicação por meio da oferta do lanche. Note-se, como destaquei na primeira citação, que o transtorno causado a Molloy o impede de saber como a comunicação se dera, como ele estava com o lanche nas mãos (“e *sem entender como a transferência se efetuará*”). Não há nenhuma semelhança com o que se passara no interrogatório. Ali o delegado queria saber de Molloy, seu nome (quem era) e seu destino (para onde ia). O delegado concede espaço a Molloy, espera por ele: “Entre as suas perguntas e as minhas respostas, falo das merecedoras de atenção, havia intervalos mais ou menos longos e barulhentos”.<sup>12</sup> Molloy segue dando exemplos desses intervalos até chegar ao clímax do diálogo, quando se lembra do próprio nome. Vale a pena acompanhar um pouco onde este Outro se situa para o narrador:

---

10 Idem, ibid. Grifo meu.

11 Idem, p. 44-45.

12 Idem, p. 41-42.

Me chamo Molloy, gritei, de supetão, Molloy, isto me veio agorinha. *Nada me obrigava a fornecer essa informação*, mas a forneci, esperando sem dúvida causar prazer. (...) É o nome da sua mãe, *disse o delegado, devia ser um delegado*. Molloy, eu disse, me chamo Molloy. Este é o nome da sua mãe?, disse o delegado. Sim, eu disse, me veio agorinha. E a sua mãe?, disse o delegado. Eu não compreendia. Ela também se chama Molloy?, disse o delegado. Ela se chama Molloy?, eu disse. Sim, disse o delegado. Fiquei pensando. Você se chama Molloy, disse o delegado. Sim, eu disse. E a sua mãe, disse o delegado, ela também se chama Molloy? Fiquei pensando. Sua mãe, disse o delegado, ela se chama –, *Deixe-me pensar!, gritei. Enfim, imagino que tenha se passado assim. Pense, disse o delegado*.<sup>13</sup> (grifos meus)

Há elementos nesse diálogo que poderiam ser discutidos no que concerne à complexa questão da verdade desse Outro e do verdadeiro na ficção. Considerando que, como citamos acima, esse lugar do Outro é o lugar da fala onde a verdade se inscreve, ainda que seja mentirosa, fica patente a diferença entre os lugares ocupados pelo delegado e pela assistente social. O primeiro “devia ser um delegado”, a segunda, apesar de Molloy dizer que até hoje se pergunta “se era a assistente social”, ele a insere inequivocamente na categoria das assistentes sociais. E mais, é a imposição de sua demanda o que exclui a singularidade do sujeito, assujeitando-o. A simples recusa da oferta se torna uma impossibilidade.

A tentativa de Molloy de recusar-se à posição indigna na qual a assistente social o coloca, por meio de um discurso que, entretanto, se colore do discurso do Outro, espelha-se nele cruamente: “*Você baixa a cabeça, estende as mãos todas trêmulas e embaraçadas e diz obrigado, obrigado senhora, obrigado minha boa senhora*. Quem não tem nada é proibido de não gostar da merda”.<sup>14</sup> (grifos meus). Neste ponto, o registro do pensamento de Molloy põe a nu o que já está dado no gesto hipócrita-caridoso. O Outro se imiscui no discurso de Molloy, reduzindo-o a uma condição de objeto, “sem defesa”.

Lacan no seminário sobre a transferência faz uma leitura de *O Banquete* de Platão e dela extrai um significante poderoso – *agalma* – para designar o objeto do desejo, que será útil para o desenvolvimento do seu conceito de desejo do analista e da posição que um analista deve ocupar, de resto análoga à de Sócrates em relação a

---

<sup>13</sup> Idem, p. 43.

<sup>14</sup> Idem, p. 44-45.

Alcíbiades no diálogo platônico. Na raiz da palavra grega *agalma* encontram-se significados ambíguos como “eu admiro” e “eu invejo”, chegando até a um “estou indignado”.<sup>15</sup> Lacan convoca esse conjunto de significados, mas detém-se no brilho que há no objeto que contém o *agalma*: “*Agalma* bem pode querer dizer ornamento ou enfeite, mas aqui, antes de mais nada, joia, objeto precioso – algo que está no interior”.<sup>16</sup> Como então se perde o brilho do objeto e resta a indignação? Se a indignação é despertada no sujeito “como o que se experimenta diante de uma injustiça intrínseca a um ato”<sup>17</sup>, nem sempre ela o atinge diretamente. Ocorre em geral um afastamento maior, por ser a indignação um afeto mais permeado pelo simbólico do que a cólera. Resulta disso que a indignação pode conduzir o sujeito tanto a um engajamento em ações políticas como a uma separação do mundo, por meio da qual ele se refugia numa posição de Bela Alma, como a de alguém que reconhece e sofre com as dores do mundo, mas com elas não se envolve.<sup>18</sup> A indignação que me parece estar presente na cena de Molloy não é de nenhum desses dois tipos, não se ancora propriamente no social. Trata-se de algo mais profundo, mais intimamente ligado ao objeto *agalmático*, e que desencadeará a cólera.

Molloy não se conserva nesse momento inicial de impotência que a indignação comporta, pois tampouco se atém à organização da ordem simbólica que inclui as assistentes sociais, contra as quais se insurge a ponto de enlaçar-se no discurso delas, mesmo que em chave negativa (“Não, contra o gesto caridoso não há defesa, que eu saiba”). Os laços que Molloy constrói na ordem simbólica não são feitos para perdurar, pois os laços implicam a presença de um Outro. Esse Outro de Molloy – é uma hipótese minha – é o próprio autor. O Outro de Molloy o levará a *O Inominável*. Está relacionado tanto à presença do Beckett autor como à angustiante ausência de limites da prosa de ficção, apontada por Beckett em sua justificativa de apelo ao teatro. Vejo essa transição da prosa para o teatro num primeiro momento beckettiano, aquele da composição dos três romances do pós-guerra e de *Esperando Godot*, como uma tentativa de conter um pouco o deslizamento simbólico da prosa com a presença

15 LACAN, J. *O seminário. Livro 8: a transferência*. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010, p. 181.

16 Idem, p. 177.

17 SANTIAGO, Ana Lydia e LAURENT, Éric. Ana Lydia Santiago pergunta a Éric Laurent (Parte 5), *Boletim OCI*, IX ENAPOL, 26 de junho de 2019. Disponível em: <<https://ix.enapol.org/boletim-oci-7/>>

18 TORRES, Mónica. É a indignação uma paixão?. *Boletim OCI*, IX ENAPOL, 24 de abril de 2019. Disponível em: <<https://ix.enapol.org/boletim-oci-4/>>

real dos corpos no teatro. Na cena de *Molloy*, a passagem da indignação à cólera é o meio de romper com uma ordem que não se deseja. Lacan fala assim da cólera no seminário 7, *A ética da psicanálise*:

A hipótese de trabalho que lhes sugiro, a qual seria preciso ver se cola ou não cola, é de que a cólera é certamente uma paixão que se manifesta por meio de tal correlato orgânico ou fisiológico, por meio de tal sentimento mais ou menos hipertônico, e até mesmo relativo, mas que necessita, talvez, como que de uma reação do sujeito a uma decepção, ao fracasso de uma correlação esperada entre uma ordem simbólica e uma resposta do real. Em outros termos, a cólera está essencialmente ligada ao que expressa essa fórmula de Péguy, que o disse numa circunstância humorística – é quando as cavilhazinhas não entram nos furinhos.<sup>19</sup>

Na nossa cena, o real irrompe por meio dos objetos e da desordem que eles, na sua heterogeneidade e desconexão, acentuam. Retomo o trecho da assistente social e seu ofertório:

Me estendeu uma tigela cheia de um suco cinzento que devia ser chá verde com sacarina e leite em pó, num pires desemparelhado. E não era só isso, pois entre a tigela e o pires se equilibrava precariamente um grande pedaço de pão seco, que me fez começar a dizer, com uma espécie de angústia, Vai cair, vai cair, como se isto tivesse importância, que caísse ou não. Um momento depois eu mesmo já segurava, nas mãos trêmulas, este pequeno ajuntamento de objetos heterogêneos e oscilantes, em que se avizinhavam o duro, o líquido e o mole e sem entender como a transferência se efetuara. (...) O líquido transbordava, a tigela balançava com um barulho de dentes batendo, não eram os meus, não os tenho, e o pão encharcado pendia cada vez mais. Até o momento em que, no auge da aflição, atirei tudo para longe de mim. Não deixei cair, não, mas com um empurrão convulsivo das duas mãos mandei tudo se espatifar no chão, ou contra a parede, tão longe de mim quanto minhas forças permitiam.<sup>20</sup>

O ato de cólera, para além de uma resposta indignada, exhibe um elemento adicional de embaraço que ultrapassa a indignação. Molloy não deixa tudo simplesmente cair, o que poderia levar à interpretação do fato como um acidente e à repetição a oferta. Para ele, há algo a mais que oblitera o Outro, não se trata de

19 LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 7: a ética da psicanálise*. Tradução Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 126.

20 BECKETT, S. Op. cit, p. 44-45.

responder à sua demanda. O que era indignação contida em discurso assume um caráter mais grave, ao tocar o sujeito num ponto em que se dá o rompimento da ordem simbólica e sua resposta no real. O mundo das coisas, sua própria consistência, passa ao primeiro plano: o pires e a xícara desemparelhados; o pão seco, mole ao ser encharcado pelo líquido, transbordando da xícara. A indefinição e heterogeneidade dos elementos, o tremor das mãos, o ruído, a instabilidade de tudo. Nada se encaixa.

O jogo que Molloy se propõe a jogar – e fracassar ao fazê-lo – implica a busca de um lugar onde por fim tudo se encaixe, o que a rigor corresponderia a um repouso e silêncio de morte. Como isso é de saída uma impossibilidade dada pela própria escrita do texto, a narrativa trata de colocá-lo em movimento, embora o personagem esteja sempre às voltas com o impossível no âmbito da linguagem. Esse Outro impossível se torna às vezes insuportável, ao impor um ordenamento ao qual Molloy não pode se adequar: tudo vacila até ser atirado para longe.

Há inúmeras vantagens para a psicanálise em utilizar a literatura para auxiliá-la em elaborações de questões teóricas. Freud muitas vezes recorreu a exemplos da literatura em seus escritos, chegando ao ponto de criar seu próprio mito originário em *Totem e Tabu*, segundo a leitura que dele faz Lacan.<sup>21</sup> No texto sobre traços de caráter específicos encontrados na clínica, na seção que se refere aos arruinados pelo êxito, Freud se lança, diz ele, “pelos motivos de sempre” – que decorrem do fato de não querer expor casos de sua clínica para preservar o anonimato de seus pacientes – a analisar “figuras que os grandes escritores criaram a partir da riqueza do seu conhecimento sobre a alma”<sup>22</sup>. Trata-se neste caso de Lady Macbeth. Freud persegue a mudança da mulher ambiciosa e cruel que incita o marido ao crime até a mulher alquebrada pelos tormentos da culpa, não sem antes ter passado pelo amargor de desvalorizar aquilo que tanto ambicionava:

...Nought's had, all's spent,  
Where our desire is got without content:  
'Tis safer to be that which we destroy,  
Than by destruction dwell in doubtful joy.

21 Cf. LACAN, J. *O seminário. Livro 17: o avesso da psicanálise*. Tradução Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 118-123.

22 FREUD, S. “Some character types met with in psychoanalytic work (2. Those wrecked by success)”. In: *Character and Culture*. New York: Collier Books, 1963, p. 164.

(Act III, Sc. 2)<sup>23</sup>

Freud aqui sublinha os sentimentos de desilusão e de algo como uma saciedade que Lady Macbeth exprime nessa fala. É interessante que ele se refira a uma possibilidade de justiça poética, dada pela esterilidade da personagem como resultado dos crimes cometidos contra pais e filhos – e da prece aos poderes ocultos, o famoso “Unsex me here” (“Dessexuai-me”, Ato 1, cena 5). Mas sua análise culmina mesmo na afirmação de que a passagem de Lady Macbeth de uma total insensibilidade até a penitência tem como motivo mais profundo sua incapacidade de gerar filhos, “que a convence de sua impotência frente aos decretos da natureza”<sup>24</sup> e sua culpa por não poder gozar de resultados duradouros para os seus crimes, por não ter sido capaz de produzir uma linhagem real. No entanto, ainda que o caráter dos arruinados pelo êxito possa aparecer na personagem da tragédia, Freud reconhece os limites da análise psicanalítica. Sua própria leitura não lhe parece satisfatória. A mesma impressão lhe sobrevém quando ele tenta cercar-se dos motivos para a mudança inversa de Macbeth. Como o homem que tanto temia e hesitava em cometer crimes no início da peça se torna um tirano irrefreável? É então que Freud recorre a uma análise mais propriamente literária, a de seu colega Ludwig Jekels, que aponta o truque frequente em Shakespeare de dividir um caráter em duas personagens, de modo que cada uma isoladamente não seja totalmente compreensível, mas apenas em conjunção com a outra.<sup>25</sup> Como exemplo, Freud cita a alucinação que Macbeth tem com a adaga na noite do assassinato de Duncan e que se desenvolve mais plenamente na doença e alucinações posteriores de Lady Macbeth.

Lacan, quando fala dos limites de seguir um personagem literário, no seu estudo sobre Hamlet, é bastante direto. Sua leitura da peça diz respeito ao estatuto do desejo: “O drama de Hamlet é o drama do desejo, o drama da existência de um objeto digno e de um objeto indigno”.<sup>26</sup> Neste sentido, depois de descartar qualquer tentativa de diagnóstico estrutural para Hamlet (se Hamlet seria um caso de histeria ou neurose obsessiva), ele afirma de modo direto: “Hamlet não é um caso clínico, não é um ser

23 Idem, p. 165. “Nada ganhamos, não, mas, ao contrário,/Tudo perdemos quando o que queríamos,/Obtemos sem nenhum contentamento:/Mais vale ser a vítima destruída/Do que, por a destruir, destruir com ela/O gosto de viver.” (Tradução Manuel Bandeira, in: SHAKESPEARE. Macbeth. Tradução Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.)

24 Idem, p. 169.

25 Idem, p. 170-171.

26 LACAN, J. *O seminário. Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Op. cit., p. 54.

real, é um drama que se apresenta como uma placa giratória onde se situa um desejo”.<sup>27</sup> Lacan deixa muito claro que não toma Hamlet como qualquer espécie de personagem-caso, mas sim como uma tragédia que “vale por sua organização, pelo que instaura de planos superpostos, em cujo interior pode encontrar lugar a dimensão própria da subjetividade humana”.<sup>28</sup>

De modo semelhante, Jean-Pierre Vernant, ao comentar a cólera de Aquiles, destaca o que há de paradigmático no ato colérico. Vernant explica como a cólera de Aquiles desencadeia o rebaixamento da ordem da guerra ao caos de uma carnificina sem lei. A sede de vingança de Aquiles, acrescentada ao fato de ele estar acima do humano por ter origem semidivina e ter escolhido morrer em combate e obter a glória eterna, desequilibra o jogo de forças na guerra. Ao fazê-lo, arrasta os homens a um estado de barbárie anterior à cultura. A análise da cólera do personagem feita por Vernant está ligada à leitura não de um afeto psíquico, mas de um ideal de estrutura social mimetizado – no sentido mais amplo do termo – numa criação literária. A *Ilíada* é composta de modo a exhibir os perigos da ausência de ordem na cultura e, por fim, sua restauração, como o que deveria prevalecer nas sociedades.<sup>29</sup> O caso do desencadeamento da cólera de Aquiles, no entanto, apresenta uma semelhança com o de Molloy. Aquiles também passa pelo afeto da indignação antes que os limites de contenção simbólicos sejam rompidos e sua cólera desencadeada.

No nosso caso, os afetos de indignação e cólera destacados na cena de Molloy convêm à psicanálise por aparecerem como um exemplo muito claro, digamos que depurado de elementos que na clínica podem confundir, devido, por exemplo, aos próprios deslizamentos significantes do sujeito e às contingências às quais ele está submetido na vida. Nessa passagem de Molloy tudo se condensa, o personagem ele mesmo já se mostra concentrado nos pensamentos e na escrita, no fato de ser narrador-narrado, com toda a intensidade da cena retratada.

Para a literatura, porém, os conceitos psicanalíticos visam um sujeito que está representado como um além e um aquém da personagem. Em ambos os campos, é uma ingenuidade tratar Molloy como sujeito. A mesma vantagem da depuração torna-se desvantagem, pois o sujeito real não existe, o sujeito está além da personagem,

---

27 Idem, p. 56.

28 Idem, p. 295-296.

29 VERNANT, J-P. Entre Mito & Política. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 2001, p. 381-388.

mas também está aquém dela. Como sabemos, Molloy pode ser o que quiser. Sua liberdade é assustadora a ponto de ladear o arbitrário, o sem lei. Depois da explosão em ato, quando atira para longe o que lhe fora oferecido, a cólera de Molloy torna-se indeterminada. Não existe mais nenhum interesse em dar qualquer explicação adicional ou prosseguir linearmente na sucessão lógico-temporal da narrativa. O alívio do final do trecho é típico, trata-se de uma ficção beckettiana: “Não vou dizer a continuação, porque estou cansado deste lugar e quero ir para outro”.<sup>30</sup> É assim que Molloy – narrador-narrado – continua.

---

30 Beckett, op. cit., p. 45.

## Referências

- ARENAS, G. La ética de lo singular, in: *Lacan XXI*, Revista FAPOL Online. V. 5, maio 2018. Disponível em: <[http://www.lacan21.com/sitio/wp-content/uploads/2018/05/2018\\_volumen5\\_ESP.pdf](http://www.lacan21.com/sitio/wp-content/uploads/2018/05/2018_volumen5_ESP.pdf)> Acesso em: 21 mar. 2021.
- BECKETT, S. *Molloy*. Tradução Ana Helena Souza. São Paulo: Ed. Globo, 2007.
- FREUD, S. "Some character types met with in psychoanalytic work (2. Those wrecked by success)". In: *Character and Culture*. New York: Collier Books, 1963.
- \_\_\_\_\_. Totem e tabu. In: *Obras completas, v. 11: Totem e tabu, Contribuição à história do Movimento Psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LACAN, J. *O seminário. Livro 17: o avesso da psicanálise*. Tradução Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992 [1969-1970].
- \_\_\_\_\_. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Tradução Vera Ribeiro, versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 [1967].
- \_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 10: a angústia*. Tradução Vera Ribeiro, versão final Angelina Harari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 [1962-1963].
- \_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 23: o sinthoma*. Tradução Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 7: a ética da psicanálise*. Tradução Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 [1959-1960].
- \_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 8: a transferência*. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010 [1960-1961].
- \_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Tradução Claudia Berliner, versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016 [1958-1959].
- SANTIAGO, Ana Lydia e LAURENT, Éric . Ana Lydia Santiago pergunta a Éric Laurent (Parte 5), *Boletim OCI*, IX ENAPOL, 26 de junho de 2019. Disponível em: <<https://ix.enapol.org/boletim-oci-7/>> Acesso em: 1 jul. 2019.

SHAKESPEARE. Macbeth. Tradução Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

TORRES, Mónica. É a indignação uma paixão?. Boletim OCI, IX ENAPOL, 24 de abril de 2019. Disponível em: <<https://ix.enapol.org/boletim-oci-4/>> Acesso em: 1 jul. 2019.

VERNANT, J-P. Entre Mito & Política. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 2001.